



UMA REFLEXÃO SOBRE A DESCONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO SOBRE O POVO INDÍGENA XAVANTE “A’UWÊ UPTABI”

Daianna Alves Pereira¹

Simone Dias Soares²

Resumo: Este artigo foi elaborado com a perspectiva de contribuir com a população campinapolense por meio de uma reflexão acerca da desconstrução do estereótipo sobre o povo indígena xavante (*a’uwê uptabi*) e contribuir na promoção e uso da Lei 11.645/2008 nos currículos escolares de forma a minimizar preconceitos e discriminações, que vem arrastando desde a época da ocupação europeia, e tem por objetivo dialogar sobre esta cultura minoritária, desconstruir a pseudo ideia do indígena como um ser insignificante, preguiçoso e incapaz, tanto social, como, intelectual e cultural através da implementação no currículo escolar municipal, buscando fortalecer uma prática cooperativa e interativa nas escolas, e principalmente valorizar a cultura do povo nativo, em especial o povo indígena xavante. a elaboração deste artigo se justifica pela necessidade da expansão do conhecimento e reflexões sobre pensamentos distorcidos e retrógrafos, referente aos povos originários brasileiros. O público-alvo são alunos, professores, comunidade local, municípios e comunidades vizinhas, povos nativos e entidades políticas. Este trabalho se fundamenta na pesquisa voltada ao estudo de caso local municipal, apoiado por pesquisa bibliográfica, em obras como dos autores Carlos E. A. Coimbra e James R. Welch com a obra Antropologia e história indígena (2014), o historiador Seth Garfield, Padre Aquilino Tsere’ubu’ô Tsi’rui’a, professora Mirian R. Barroso que juntos dialogam neste trabalho para dar fundamento teórico. Pesquisa de campo realizada na Aldeia Santa Clara e na própria secretaria de educação do município.

Palavras-chave: Reflexão, Indígenas, Xavante, Desconstrução, Estereótipo.

1. INTRODUÇÃO

Numa sociedade construída por valorizar e desvalorizar ao mesmo tempo, povos que são pluriétnicos e que diferenciam entre si pela crença, valores, costumes e tradição ancestral, é e foi uma realidade no levantamento da identidade brasileira. Tempos em que se pregava a soberania europeia, e desvalorizava toda uma cultura existente enraizada na

¹ **DAIANNA ALVES PEREIRA.** Graduada em Licenciatura Plena em História – Universidade Unidas do Vale do Araguaia – UNIVAR. Especialista em Metodologia do Ensino de História – Faculdade da Região Serrana – FARESE - 2022. *E-mail: daiannx@hotmail.com*

² **SIMONE DIAS SOARES.** Graduado em Licenciatura em Pedagogia – Claretiano Centro Universitário. Especialista em História da Cultura Afro-brasileira e Africana – Universidade Federal de Goiás - UFG – 2015. *E-mail: simonediassoares2013@gmail.com*



ancestralidade dos povos nativos do território que hoje chamamos de República Federativa do Brasil.

Tempos em que se levantaram os primeiros estereótipos, discriminação e desvalorização deste povo e cultura, com a visão de enaltecer a imagem do povo branco como soberano, estereótipos que sobreviveram ao longo dos anos e hoje se faz presente na sociedade do município de Campinápolis-MT, cidade construída em meio a um vasto território de demarcação, onde é possível identificar problemática de estereótipos enraizados na sociedade que vão ao encontro deste povo, diminuindo e contribuindo para a perpetuação dessa visão infundada, desta forma, a elaboração deste artigo se justifica pela necessidade de desconstruir situações e ações estereotipadas voltadas ao povo indígena xavante, e esse trabalho se inicia com os futuros indivíduos da sociedade, ou seja, crianças e jovens, já estão construindo seu pensamento crítico e real, e esta ação se reforça na escola, na sala aula, apoiada por um currículo, interdisciplinar com a **Lei 11.645/2008**, apoiada por professores, diretor, coordenador e alunos num trabalho de olhar diferente ao respeito de uma cultura.

Na perspectiva de dialogar com autores especialista na área, este trabalho tem como objetivo, desconstruir a pseudo ideia de que o povo indígena xavante é preguiçoso, desinteressado, desprovidos de sabedoria e desnecessários numa comunidade pluriétnica e social. De forma mais específica, este trabalho tem seu foco em dialogar sobre olhar voltado aos indígenas, enquanto sociedade e ser pensante em sua ancestralidade, implementada no currículo escolar municipal de acordo com a 11645/2008, busca também desconstruir estereótipos gerados desde a ocupação europeia apoiado no currículo escolar, e o mais importante neste trabalho é valorizar a cultura do povo nativo, em especial o povo indígena xavante.

Este trabalho destina-se ao público educacional (alunos e professores), comunidade local e vizinhos ao município, aos povos nativos, entidades políticas. Espera-se levantar hipóteses que vão a longo prazo, diminuir ao ponto de desconstruir este estereotipo de diminuição cultural e social imposta aos xavantes na comunidade de Campinápolis e aos municípios vizinhos também.

Desde o ensino fundamental, aos estudantes são apresentados um contexto histórico sobre a trajetória da identidade do povo brasileiros, com teorias de



miscigenação, lutas por territórios entre europeus e no meio dessas disputas os povos nativos, e desde a ocupação territorial já havia se formado estereótipos a cerca destes povos que tinham sua cultura definida a vários anos e por várias gerações. Estas visões definidas pelos europeus, perpetuou durante os séculos nos textos históricos, nas histórias populares falada, no imaginário infantil e por fim, no imaginário adulto, fixando-se na cultura popular como sendo um pensamento crítico, social e absoluto, por anos de forma e não moldável.

Conhecida pela forte presença de população nativa xavante, com territórios bem abrangentes e demarcados, o município de Campinápolis – MT se destaca para argumentação neste artigo, visto que é uma característica muito visível, a convivência de duas comunidades no mesmo espaço geográfico: indígenas xavantes *Aúwê Uptabi* (Povo Autêntico) e não indígenas. Dentro desta nomenclatura “não indígena”, utilizaremos por definir sociedade que descende de brancos, negro e amarelos.

Esta convivência ao longo dos anos, está condicionada a ser marcada por conflitos internos municipais que vão desde assuntos peculiares como: comércio, educação, saúde, comum numa sociedade multiétnica envolvendo a peculiaridade estereotipada de “incompetentes”.

A partir destas peculiaridades, que vêm de encontro a problemática da pesquisa, onde pretende-se com a utilização de um aporte nas leis educacionais e nos currículos escolares e ainda com o teórico bibliográfico, unir forças para demonstrar o quanto esse povo é único e com valores que vão além do quantitativo, prevalecendo a qualidade do estilo de vida.

Preservar as culturas dos povos indígenas brasileiros é um assunto muito argumentado na Lei 11645/2008, não só atualmente, e sim há anos já existe esta preocupação no resgate, na ação de manter e passar as gerações futuras. Nesta perspectiva a preservação das culturas negras devem correr lado a lado com as ações de preservação indígena, não só com iniciativas do governo federal ou ongs, mas também em unidades federativas e seus respectivos municípios. Isto é percepção de Telles (2003), quando diz que sociólogos e antropólogos cada vez mais estudam as relações raciais brasileiras, e que uma nova geração de acadêmicos negros, desenvolveria suas áreas de pesquisas em torno das questões raciais (p. 77).



No município de Campinópolis, cidade com uma presença fortíssima de etnia indígena, não tem ações públicas e projetos voltadas a esta parcela populacional, deixando evidente um “não” comprometimento dos setores administrativos.

Campinópolis, inicialmente era distrito da cidade vizinha Nova Xavantina-MT, e em 13 de Maio de 1986, foi elevado à cidade e município de acordo com a Lei nº 4.994, de autoria do deputado Evaristo Roberto Cruz, foi criado o Município de Campinópolis a 602 Km da capital. Com a divisão territorial, as terras indígenas do povo xavante concentraram-se no novo município. Em 2005, o município submeteu-se a uma nova divisão territorial para constituir-se em dois distritos: Campinópolis e São Jose do Couto, onde permanece até a ano atual de 2022. Desta forma o município faz divisa territorial com Nova Xavantina, Água Boa, Novo São Joaquim, Paranatinga e Gaúcha do Norte.

Se localiza na região Centro Oeste do Brasil. E de acordo com o IBGE 2010, o município possui um território de 6.251,043 km² com uma população estimada no ano de 2020 em 16.919 habitantes, e sua população indígena aproximada em 9 mil habitantes, segundo informações no site da Missão Salesiana em parceria com a Pastoral da Criança.

2. METODOLOGIA

Para compor a produção científica deste trabalho, foram feitas pesquisas bibliográficas sobre a Lei 11.645/2008, sobre as culturas indígenas, no livro História e Cultura Africana, Afro-brasileira e indígena, leitura do livro Antropologia e história xavante para ter um perfil da história indígena. Optou-se também por leituras em trabalhos científicos de produções recentes e locais em publicações de tese de mestrado como do Padre Aquilino e professora Mirian R. Barroso. Além da pesquisa bibliográfica, este trabalho se baseia no método estudo de caso, na Escola Indígena Santa Clara, e na Secretária de Educação Municipal de Campinópolis, visto que ao presenciar de forma visual e sonora estas ações errôneas e estereotipadas dos povos nativos levou a produção deste.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 CONTEXTO HISTORICO DOS POVOS NATIVOS NAS AMÉRICAS



A ideia de que as Américas foram “descobertas” em 1492, pela atitude dos europeus em busca de uma nova rota até a Índia, o que acabou culminando a chegada dos espanhóis a Guanahani, ilha renomeada de San Salvador atual Bahamas, e posteriormente Cabral em 1500 no litoral do sul da Bahia, é trabalhada nos currículos escolares, apoiada por materiais didáticos como o livro didático que iniciam esse despertar histórico desde as séries iniciais de alfabetização com imagens dos povos nativos nus, chegada as margens dos litorais e mapas com rotas de navegação das caravelas.

Como o “Novo Mundo”, atualmente chamado de Continente Americano, é desmembrado territorialmente e separado por oceanos dos demais continentes, existem algumas hipóteses em torno da origem dos indígenas nas Américas, onde estes poderiam ser descendentes das tribos de Israel, descendentes daqueles mercadores que velejavam ao mar no tempo do rei Salomão para trazerem ouro de Ofir, mas hoje acredita que são de origem asiática, que teriam caminhado pelo estreito de Bhering, na era glacial a mais ou menos 14 mil a 12 mil anos atrás, o estreito de Bhering ligava os continentes asiático com o americano, composto pelos oceanos Pacífico e Ártico.

Antes mesmo de iniciar a jornada escolar, a maioria dos brasileiros conhecem sobre essa “história de descoberta”, pois está nos livros de literatura ou nos livros didáticos, livros que compõe o PNLD, distribuídos as escolas públicas municipais e estaduais de todo o Brasil. Muitos foram os autores que tentaram descrever a vida, cultura, tradições, crenças, religiões, mas nem sempre esse objetivo foi alcançado, sabe-se que na maioria das vezes os indígenas são vistos como sem conhecimento, sem cultura, e ideias como essas fixou-se no imaginário do povo brasileiro que os indígenas são um grupo que não trabalha, que são preguiçosos, que vivem à custa do governo e que não acrescentam para o desenvolvimento do Brasil ou sociedade inserida.

Seja por falta de outras teorias comprovadas, seja pela falta da representação indígena na formulação de material didático, seja pela minoria étnica indígena na sociedade, somente esse pensamento que ficou gravado na mente das demais pessoas, pessoas essas que não sofreram com o impacto desse contato, nem a ruptura de sua cultura, e a morte de seus familiares.



O século XVI foi um grande marco para a história da humanidade, podemos dizer que tão efetivamente tal qual a descoberta da roda, que resultou num impacto profundo e duradouro, pois colocou em lados opostos grupos com vivências, culturas, modo de vida e visões de mundo bem diferentes um do outro; europeus e indígenas possuíam entendimentos distintos em relação a utilização da terra, para os Portugueses a terra era vista como um bem a ser explorado e trabalhado.

Algumas pessoas já deram um grande passo em desconstruir estereótipos em torno dos povos nativos, ao identificarem que os livros didáticos nem sempre retratam o verdadeiro cenário do convívio nos primeiros séculos de contato entre os europeus com os indígenas, contato marcado por mortes, sequestros, estupros, escravização, exploração do trabalho indígena e conversão obrigatória religiosa ao catolicismo. Mesmo sendo em número maior de população na época, já é de imaginar que não conseguiram resistir ao poder das armas de fogo, as epidemias como a varíola, catapora, tifo, difteria, da peste bubônica, sarampo, da gripe e a fome.

Fatos interessantes em mencionar é sobre a criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) em 1910, sendo extinto em 1966, por motivos de corrupção, e foi substituído pela atual Fundação Nacional do Índio (FUNAI)

Precisamos construir e/ou reforçar em nossos alunos, através de um currículo escolar interdisciplinar e fundamentado na lei 11.645/2008, temáticas e ideias aprofundadas sobre a vivência dos povos nativos e sua ancestralidade em povo que vive para viver, que não tem cultura e crença capitalista em acumular riquezas.

3.2 POPULAÇÃO NATIVA XAVANTE EM CAMPINÁPOLIS-MT

Sobre a história dos povos indígenas xavante na região de Campinápolis, Barra do Garças e Alto Boa Vista, será retratado aqui as experiências do Padre e mestre em educação, Padre Indígena Aquilino Tsere'ubu'õ Tsi'ruí'a, dialogadas esboçado na sua tese de mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco da Faculdade da cidade de Campo Grande -MS no ano de 2012, ressaltando que ele é o único Padre indígena e mestre em educação da região:

(Os Xavante conviveram no Maranhão, antes de passarem por Goiás Velho. É um povo guerreiro, cujos jovens mantêm essa denominação, pois guerreavam



naquele estado com as outras tribos conhecidas por eles, como Kaiapó (Naré), Karajá, Timbira, Apinajé (Apinaye), entre outras. pag 19).

Neste trecho o Padre Aquilino menciona a tentativa dos Xavantes povoarem toda a extensão que seguia o Estado de Goiás, passando por Tocantins até o Maranhão, essa tentativa foi frustrada por conta de lutas com outros povos Indígenas e a perseguição dos bandeirantes. Os Xavantes apesar de serem ótimos guerreiros procuravam lugares mais tranquilos para se fixarem e com isso foram adentrando o Estado do Mato Grosso vindo a se fixarem as margens do Rio Araguaia.

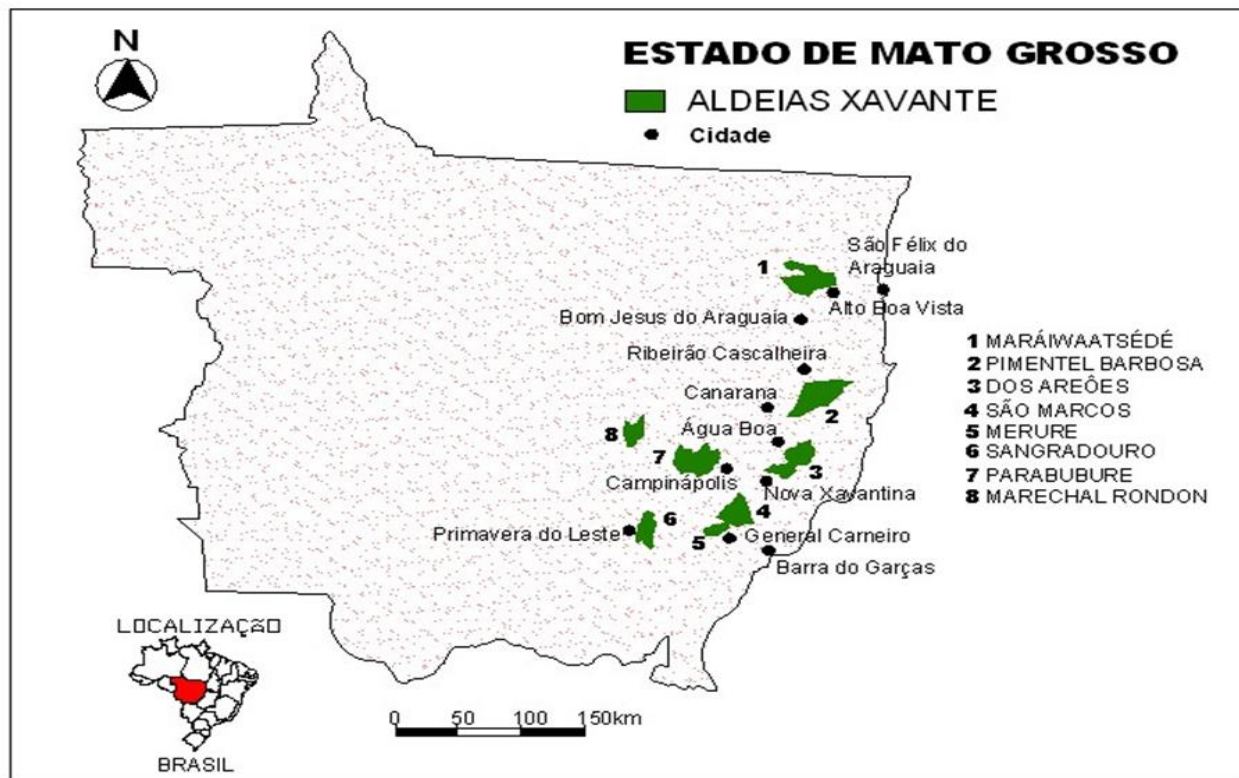
(...Dois grupos chegaram juntos à beira do rio Araguaia. Foi daí que se desligaram entre si. O grupo de Aptsi're foi direto para a região de Couto Magalhães, em MT, que em Xavante chama Norõtsu'rã (quer dizer folha escura de babaçu). ...enquanto que o grupo de Butsé Wari foi beirando o rio Araguaia, até onde está hoje, São Domingos Wededze, ainda longe de São Félix do Araguaia. Foi ali que moraram durante muito tempo, mas do lado de cá de Mato Grosso. Muito mais tarde, o grupo de Butsé se mudou para vários lugares até chegar a Marãiwatsédé. pag 20)

O grande grupo se dividiu, o grupo Aptsi're se mudaram para Couto Magalhães (Norõtsu'rã) procurando lugares melhores para sua comunidade, o grupo Butsé Wari fixou nas margens do Rio Araguaia, nas proximidades da cidade Barra do Garças - MT, passados alguns anos algumas pessoas do grupo de Butsé Wari foram adentrando o Estado chegando a região de Marãiwatsédé, que fica próximo ao município de Alto Boa Vista -MT, Em 1972 algumas pessoas se mudaram de Marãiwatsédé para região de Couto Magalhães atual cidade de Campinápolis, pois não estavam mais aguentando as doenças e a falta de água existente em Marãiwatsédé.

Os Xavantes tinham características seminômades, que se mudavam de tempos em tempos, mas hoje em dia com aumento populacional, se fixaram, eles praticam a agricultura, caça e pesca, trabalham no comercial local e exercem profissões como professores, coordenadores e diretores escolares, enfermeiros e técnicos em enfermagem nas Terras Indígenas.

Como é o caso da Escola Indígena Santa Clara contamos com 18 funcionários, sendo 11 Professores Indígenas, 2 AAE/ Nutrição Indígenas, 2 AAE/Limpeza Indígenas, 1 Secretario Indígena e somente duas não indígenas, Diretora e Coordenadora.

Abaixo temos um mapa, retirado da tese de mestrado do Padre Aquilino, onde é possível ver a localização de aldeias xavantes dentro do estado de Mato Grosso.



Regiões ocupadas pelos índios Xavante e Bororo em Mato Grosso. Fonte: Celso Smaniotto - Laboratório de Geografia (UCDB, 2012). *Apud TSI "RUI" A, Aquilino Tsere "ubu" ð.*

Nos deparamos com muitos pesquisadores que escreveram e escrevem sobre a História dos povos Indígenas Xavantes, encontramos algumas teses de mestrado, artigos científicos e bibliografias:

(O povo Xavante (A'uwê) que, em sua maioria, vive em Mato Grosso, é um dos povos indígenas mais estudados no Brasil. Por exemplo, em uma rápida busca feita na base Scopus da Elsevier (<http://www.scopus.com/>) encontramos 96 trabalhos publicados entre 1964 e 2014. Em comparação, outros povos indígenas que também atraíram a atenção de pesquisadores são os Yanomami (119 artigos indexados no Scopus), Suruí (68), Kayapó (63) e Kaingang (57). A literatura sobre os Xavante está distribuída segundo as seguintes áreas temáticas: medicina (49,0%), ciências sociais (31,3%), bioquímica, genética e biologia molecular (25,0%), e ciências biológicas e agrárias (19,8%), dentre outras. Pag 17)

Mencionamos o livro *Antropologia e História Xavante em Perspectiva*, com os Organizadores Carlos E. A. Coimbra Jr. e James R. Welch, 2014:



(O antropólogo David Maybury-Lewis (1984 [1967]) realizou a primeira investigação antropológica acerca dos Xavante e, Lewis realizou a maior parte de seus estudos etnográficos entre 1958 e 1962 na aldeia São Domingos (Wedezé), que anteriormente serviu de base operacional para uma Missão Salesiana que, após curto tempo nesta localidade, veio a se estabelecer permanentemente entre os grupos Xavante situados mais ao sul, onde foram fundadas as Missões de Sangradouro e São Marcos... pag 18)

O trecho acima indica que alguns pesquisadores mantiveram contato nas décadas de 50 e 60 e que estiveram realmente interessados na “causa indígena”, em um cenário que para muitos era considerado pouco favorável aos não Indígenas, pois o contato e a convivência ainda estavam marcados pelas lembranças do passado:

(Após Maybury-Lewis, as investigações etnográficas sobre os Xavante que seguiram ocorreram entre 1960 e 1970, destacando-se os antropólogos Guglielmo Guariglia (1973), Regina Müller (1976; 1979), Desidério Aytai (1980; 1981), Aracy Lopes da Silva (1982; 1983; 1986) e Nancy M. Flowers (1983). A maioria desses pesquisadores estudou uma ou mais das comunidades visitadas previamente por Maybury-Lewis, incluindo Areões e São Marcos, além de São Domingos. Lopes da Silva foi introduzida à etnografia Xavante ao traduzir para o português o livro Akwê-Shavante Society de Maybury-Lewis, tornando-o amplamente disponível ao público brasileiro (Vidal, 2000). Subsequentemente, Lopes da Silva escreveu sua própria etnografia com base em sua densa tese de doutorado (Lopes da Silva, 1986), livro este que imediatamente veio a ocupar um lugar proeminente nas estantes das bibliotecas, lado a lado com sua tradução do clássico de Maybury-Lewis. pag 19).

Podemos encontrar muito material de cunho etnográfico acadêmico produzido pelos Padres e Missionários da ordem dos Salesiano sobre os Xavantes sobre essas duas comunidades Sangradouro e São Marcos, por consequências de várias décadas de convívio.

Já sobre a Terra Indígena (TI) Parabubure que pertence a cidade de Campinópolis, James R. Welch e Carlos E. A. Coimbra Jr, descrevem em seu livro Antropologia e História Xavante em perspectiva a convivência do Historiador Seth Garfield:

“O historiador Seth Garfield, que realizou importante trabalho sobre a história recente do povo Xavante, enfocando um delicado período da história contemporânea brasileira marcada por autoritarismo e ideologia desenvolvimentista: a Marcha para Oeste e o “varguismo” nos anos 30-40, e a ditadura militar nos anos 60-70. Garfield realizou extensa pesquisa documental acerca dos impactos dessas políticas sobre os Xavante, tendo como referência



a Terra Indígena Parabubure, onde estabeleceu fortes relações com seus habitantes. Pag 20).

Mencionamos aqui a Professora Mestre Mirian R. Barroso da cidade de Campinópolis, que também se debruçou nas bibliografias e pesquisas que resultou na escrita da sua tese sobre a temática de como os indígenas são retratados nos livros didáticos:

(A História do Brasil é marcada por desigualdades, violências e um culto a “civilidade” trazida pelo europeu. Isso se reflete diretamente nos livros didáticos de História. Como consequência da negação das matrizes negras e indígenas, formou-se uma sociedade igualmente preconceituosa e intolerante. Na busca por uma sociedade mais justa e tolerante, a educação tem um papel essencial na construção deste cidadão através de todo o processo educativo, que tem como lócus principal a escola e a relação estabelecida entre a criança e adolescente com este ambiente e os sujeitos deste ambiente. Pag 15).

Hoje em dia o número da população Indígenas Xavante vem aumento conforme do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de 19.259 do ano de 2022, a população Xavante esteve em período de diminuição nas décadas de 70 e 80 por causas de doenças, falta de alimentação, mas hoje com os órgãos como o Distrito Sanitários Especiais Indígenas (DSEI XAVANTE) junto com Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) e o Ministério da Saúde, ele atendem a Etnia Xavante com abrangência de 340 aldeias com 26 Unidades Básicas de Saúde Indígenas, com 6 bases polo e com duas Casas de Saúde Indígena, totalizando uma área (em Km²) 68.440 nos Municípios de Água Boa, Alto da Boa Vista, Barra do Garças, Bom Jesus do Araguaia, Campinópolis, Canarana, General Carneiro, Nova Nazaré, Novo São Joaquim, Paranatinga, Poxoréo, Ribeirão Cascalheira, São Félix do Araguaia e Santo Antônio do Leste, dados estes retirados do site do Distrito Sanitários Especiais Indígenas (DSEI) site: [Xavante \(spdm.org.br\)](http://Xavante(spdm.org.br)) e www.gov.br

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre esse assunto, é certo dizer que ainda tem um caminho a ser percorrido para desconstruir a ideia negativa e estereotipa que está atrelada no imaginário brasileiro e que passou de gerações a gerações para chegar aos dias atuais. Sabe-se que estereótipos assim não desaparecem rápidos e necessita de intervenção.



Esta intervenção é escolar, é nos jovens e crianças, com currículo escolar e apoio da legislação, que os professores consigam alcançar neles a formação humana necessária para mudar este panorama, para identificar a igualdade, a equidade nos brasileiros e assim perceber que nos unirá ainda mais como povo aceitar as tantas diferenças que temos como peças que constituem uma verdadeira nação democrática.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos livros de educação escolar e universitários encontramos a história da educação no Brasil, e sempre evidencia que esta teve seu início com a chegada dos padres jesuítas que nas caravelas e que tinha como a “missão” de catequização, como de fazer o letramento e instrução dos indígenas, dos órfãos e alguns mamelucos.

Isso porque os indígenas foram considerados “selvagens”, por não possuir um sistema de escrita e educação escolar, este foi o ponto de partida para desconsiderar todo conhecimento em agricultura, caça, coleta, pesca como também as tradições culturais e religiosas.

Com este pensamento, já se criou a exclusão dos indígenas, pois as aulas de educação ocorriam em escolas improvisadas, construídas pelos mesmos, e já para os filhos dos colonos as aulas ocorriam em colégios, com mais estrutura, outro detalhe de exclusão se deu no período do Brasil colonial foi somente para os homens.

Isso claramente é observado nos livros didáticos de história, com séculos de negação das matrizes indígenas, sequencia uma sociedade preconceituosa e intolerante aos povos nativos.

Como as ocasiões, os pensamentos sociais mudam e pela busca por uma sociedade mais justa e tolerante é que temos leis criadas para dar um amparo legal para respaldar os povos indígenas e negros, com a implementação da lei 11645/08 é uma abordagem mais democrática, que luta contra os preconceitos e estereótipos:

A Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, porém não prevê a sua obrigatoriedade nos estabelecimentos de ensino superior para os cursos de formação de professores (licenciaturas).



Acreditando fielmente no poder de transformação que educação tem na construção de seres racionalmente capazes de decidir, pensar, formação de caráter e pensamentos através do processo educativo, inclusive pelas identidades étnicas em quaisquer classes sociais, econômicas, religiosas que juntas, trabalham na tentativa de desconstruir pensamentos e atitudes de exclusão, discriminação, ações que se arrasta ao longo dos séculos de cultura brasileira.

Como a escola estabelece um local de contato e socialização, demonstrando o potencial de todos, independente da etnia ou descendência, é neste focal que o professor com sua formação acadêmica e materiais didáticos que o auxilia é fomentar uma educação ética, democrática que desenvolva e aculture o respeito a diversidade, sem preconceitos e violência.

6.REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

A História da Educação no Brasil uma longa jornada rumo a universalização, Gazeta do Povo, 2023. Disponível em: www.gazetadopovo.com.br. Acesso em 10 de maio de 2023.

BARROSO, Mirian Regina Camargo. **Queremos Mais Histórias Indígenas E Xavante: Leituras De Estudantes Xavante Sobre Os Indígenas No Livro Didático De História.** Cuiabá, 2020. 131p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal De Mato Grosso,2020.

Distrito Sanitários Especiais Indígenas (DSEI),2023. Disponível: [Xavante \(spdm.org.br\)](http://Xavante (spdm.org.br)). Acesso em 18 de Abril de 2023.

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Planalto.gov.br. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em 23 de Janeiro de 2023.

TSI'RUI'A, Aquilino Tsere'ubu'õ. **A sociedade Xavante e a educação: um olhar sobre a escola a partir da pedagogia Xavante.** Campo Grande, 2012. 258p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco, 2012.

WELCH, James R. e COIMBRA JR, Carlos E. A. (ORGANIZADORES). **Antropologia e História Xavante em perspectiva,** Rio de Janeiro: Museu do Índio – Funai, 2014.